

Reativação, tema central dos ricos

LONDRES — O presidente Ronald Reagan e a primeira-ministra Margaret Thatcher concordaram, ontem, que a crise provocada pelo endividamento externo do Terceiro Mundo — principalmente da América Latina — será um dos temas da reunião de cúpula que começa hoje em Londres, com a participação dos chefes de governo dos sete países mais ricos do mundo. O assunto principal, porém, deverá ser a recuperação econômica, com a busca de uma solução que não acelere o processo inflacionário.

Depois do encontro — realizado na residência oficial de Thatcher — um porta-voz da delegação norte-americana descreveu a atmosfera das conversações como “maravilhosa”, enquanto funcionários do governo britânico disseram que a primeira-ministra não pressionará o presidente Reagan no que se refere ao potencialmente crítico tema do grande déficit orçamentário dos Estados Unidos. Os demais países que compõem o grupo — Canadá, Japão, República Federal da Alemanha, França e Itália —, porém, pretendem reiterar a necessidade de os Estados Unidos reduzirem esse elevado déficit, o qual, atualmente, é calculado em US\$ 180 bilhões.

PREOCUPAÇÃO

Além desses temas, e também do protecionismo adotado pelos países da Comunidade Econômica Européia — principalmente contra os produtos procedentes do Japão e dos Estados Unidos — e do problema das elevadas taxas de juros norte-americanos, a reunião começa num clima de preocupação pela escalada do conflito no Golfo Pérsico, circunstância não considerada quando da elaboração da agenda, há vários meses. Quando o encontro começou a ser preparado, os ricos também não contavam com outros problemas, como a suspensão dos pagamentos da dívida boliviana e as dificuldades enfrentadas por grandes bancos dos Estados Unidos, assuntos que também deverão ser debatidos durante o encontro.

Um tema que deverá provocar grandes discussões se refere à abordagem do problema da dívida externa do Terceiro Mundo, pois a maioria das nações ricas defende adoção de critérios mais flexíveis nos rígidos moldes do sistema financeiro internacional e, se necessário, pressões sobre os banqueiros privados para que assumam atitude similar em relação aos devedores. Os Estados Unidos, porém, são

frontalmente contra qualquer medida desse tipo, e o presidente Reagan já afirmou, repetidas vezes, que não pretende intervir no funcionamento do sistema financeiro privado.

E antes mesmo de a reunião começar, as divergências vão-se aprofundando entre os participantes: ontem, durante um debate no Parlamento, o chanceler da República Federal da Alemanha, Helmut Kohl, criticou a política econômica dos Estados Unidos, atribuindo a dificuldade de reativação da economia dos países industrializados e o elevado endividamento dos países em vias de desenvolvimento à valorização do dólar. A crítica de Kohl foi apoiada pelo representante da oposição, o social-democrata Hans Jochen Vogel.

Já a União Soviética fez sérias críticas aos países participantes da reunião de cúpula: em sua edição de ontem, o *Pravda*, órgão oficial do PCUS, disse que o encontro será caracterizado por uma “infinitude de contradições econômicas”, e, por essa razão, os chefes de governo reunidos em Londres irão insistir no “ponto de vista propagandístico”. Os resultados, segundo o *Pravda*, serão “insignificantes”, na melhor das hipóteses, mesmo porque “na atual situação não existem soluções”.